

O Globo
05/07/1976



Perto da piscina, os alunos discutem os problemas da arte atual

No Parque Laje, alunos dançam sobre os painéis. E aprendem cinema ao vivo

TERESA CRISTINA RODRIGUES

Todas as manhãs, eles sobem a escadaria daquele casarão austero, atravessam o hall cheio de cartazes, horários, fotografias, e se espalham pelas salas que circundam o pátio interno onde uma piscina foi transformada em lago, com plantas flutuantes. São os 450 novos alunos da Escola de Artes Visuais. Além deles, 62 alunos do Curso de História da Arte e 26 de Arte Decorativa concluem seus estudos na escola, enquanto 395 (maioria de) antigos alunos do IAB estão inscritos no Centro de Lazer, que tem aulas ao ar livre com orientação técnica para satisfazer a auto-reação das pessoas que não desejam se aprofundar no conhecimento de outras técnicas e materiais ou questionar o processo da Arte e sua função nos dias de hoje. Quer dizer, no mesmo lugar, em áreas diferentes, você pode encontrar jovens de blue-jeans e velhos de boina e de palheta — numa coexistência que certamente irá se definir com o tempo.

Mas, o que há de novo nesta escola, que justifique o interesse que já despertou neste primeiro semestre de existência?

Passei três dias conversando com alunos, assistindo às aulas, consultando dados na Secretaria, trocando idéias com o diretor, o artista Rubens Gerchman, e professores.

Participei até de uma aula de "modelo ao vivo", dada por Gastão Manoel Henrique aos alunos do Núcleo Básico, que ocasionalmente recebeu a visita do pintor e poeta José Paulo Moreira da Fonseca. Assisti também a parte dos seminários dos professores e alunos, de avaliação dos resultados deste primeiro período, quando as críticas foram feitas abertamente, discutidas e estão sendo levadas em consideração pela Diretoria, para melhor adequação de seus objetivos.

Um grupo de jovens está cantando em toda a beira do lago. Entre eles, Sérgio Santeiro, responsável pela **Oficinema**, a mais procurada oficina da Escola: 50 inscrições.

Vocês se reúnem sempre ao ar livre?

— Não — responde uma aluna. Hoje, o Hélio Eichbauer, da Oficina do Corpo, e Roberto Magalhães, da de Desenho, pediram a sala do auditório para fazerem um trabalho coletivo de alunos — um grande painel.

Não resisto, vou até lá para dar uma espiada nesse trabalho. Sobre um papel de 12 m de comprimento por 2 m de largura, cerca de 25 jovens desenham ao som de uma música erudita. Acabada esta primeira fase do trabalho, eles pedem ao Hélio para dançar sobre o painel, no que são atendidos. Na fita, uma música medieval, agora eles começam a se movimentar delicadamente sobre o espaço colorido e pouco a pouco vão se curvando, voltando a desenhar.

Volto ao pessoal do lago, que está discutindo o tipo de cartaz e programa para a próxima projeção do Cine-Clube da Escola, o CINEAVE, que é co-produtor dos curtas-metragens de 8 mm feitos pelos alunos.

Vocês estão aprendendo a fazer cinema?

— Com Santeiro, nós não aprendemos a fazer cinema, nós somos colocados imediatamente a fazê-lo. Saímos com a máquina, descobrimos na prática a relação da luz, com a velocidade, diafragma, etc. e o importante é saber o que queremos captar da realidade.

Neste semestre, foram feitos 3 filmes — uma apresentação do Cineave, que tem como símbolo um tucano e dois documentários culturais, um sobre o artista Ismael Nery e outro sobre o pintor popular Cesar Francisco, a partir de uma reportagem de Lélia Coelho Frota.

— Os temas ainda têm relação com os objetivos da Escola e já temos mais 5 projetos, um deles, por exemplo, sobre o teatro experimental negro no Brasil.

A **Oficinema** tem um programa teórico mas funciona principalmente na prática. O cine-clubes é autônomo, passará a funcionar em outro lugar qualquer do bairro, quando uma nova turma for criada, gerando outro cine-clubes. Os alunos são postos imediatamente em contato com realizadores de documentários e filmes brasileiros, organizam as sessões de projeção, seminários, encontro com cineastas. E fazem toda a parte de divulgação usando materiais da escola.

Na oficina de cenografia, Marcos Flaksman está conversando com alguns alunos, esperando os retardatários, para todos irem ver de perto o seu cenário para **Equus**, no teatro do BNH. Ele está comentando a maquete de cenário de uma aluna, para a peça **Senhora dos afogados**, de Nelson Rodrigues, escolhida como tema para esta primeira turma.

— Se não fosse este curso na Escola, onde poderia ter toda essa experiência de técnicas e materiais e essa troca de experiência com um cenógrafo jovem, de tanta qualidade? O Marcos está nos dando toda a sua vivência profissional dentro da realidade brasileira, e depois do curso estou a fim de trabalhar com um grupo experimental de trabalho. (Stenio, 25 anos).

Depois de algumas aulas teóricas sobre a História da Arquitetura Teatral, Marcos escolheu um texto que foi trabalhado em leitura dramática para o desenvolvimento de projetos de planta baixa, perspectiva e maquetes.

— Pena — comenta o cenógrafo-professor, que seja tão difícil se conseguir

uma verba para execução de um cenário completo, o que seria ideal para o resultado do curso. Mas só o fato desta Escola já estar funcionando, é muito produtivo, apesar das dificuldades, como o baixo salário dos professores, por exemplo.

Na sala 2D (duas dimensões—desenho e pintura) existem 17 pranchetas. O Curso de Desenho de Roberto Magalhães atraiu 30 alunos e os excedentes resolvem o problema de espaço com pedaços de compensado, para não perderem esta oportunidade de vivência com o conhecido artista plástico. A idéia de executarem trabalhos ao som de música surgiu porque entre o grupo — maioria de arquitetos e pessoal formado na ESDI — existem alunos que tocam instrumentos.

Outra Oficina que despertou muito interesse foi a do Corpo com 40 matrículas. Hélio Eichbauer explica que "o corpo é um dos elementos mais plásticos, pois é escultura viva movimentando-se no espaço". Em suas aulas, ele usa de músicas medievais, de Beethoven ao rock. E o curso fez muito sucesso também porque consegue um resultado coletivo imediato, que satisfaz a todos.

— Hélio é uma pessoa incrível — conta um aluno. Antes de qualquer trabalho, ele nos fala, sensibilizando a nossa memória. E através dela que chegamos aos sentimentos. E isso faz com que conheçamos mundos dentro de nós, áreas de sensibilidade ainda inexploradas. A começar pelo próprio corpo.

Além dessas oficinas, existem outras também funcionando ativamente: de fotografia, modelagem, gráfica (com gravuras em pedra, metal, e madeira, serigrafia e cerâmica).

Gerchman, esta escola não dá diploma e também não é um centro de criatividade no sentido puro da palavra. Como você definiria os objetivos da EAV?

— É uma escola livre, que de 6 em 6 meses recebe um número x de pessoas que têm acesso ao conhecimento teórico e a experiência prática com diferentes técnicas e materiais, sendo despertadas a continuarem seu caminho próprio, incentivadas pela dinâmica e trabalho e interesse pela pesquisa. Não é uma escola de criatividade porque os alunos não vêm aqui somente para se auto-expressarem, mas também para serem mobilizados a questionar a função e utilidade de trabalhos plásticos, no mundo de hoje. É evidente que as oficinas propõem uma perspectiva de trabalho. Mas não existe escola para formação de artistas. Você conhece alguma escola para poetas?

A Escola de Artes Visuais, por estar na Zona Sul (Parque Laje) e praticamente ser gratuita, — Cr\$ 20,00 de inscrição e Cr\$ 200,00 para a Caixa Escolar, por semestre, atrai interessados de todos os níveis sociais e culturais, conseqüentemente com os mais variados interesses. Por isso, para criar condições básicas para a formação de grupos homogêneos para o desenvolvimento dos trabalhos nas Oficinas, foi criado o Núcleo Básico, que neste primeiro semestre funcionou em caráter experimental e a partir do seminário, sofrerá muitas modificações.

Os 121 alunos das 4 primeiras turmas do Núcleo Básico tiveram aulas diárias de História da Arte e diferentes técnicas de desenhos. Uma aluna comenta:

— Este curso é indispensável para quem deseja entrar nas Oficinas mas não tem experiência teórica e prática de espécie alguma, ou pelo menos em nível mais profundo. Colocamos no seminário as dificuldades que sentimos: pouco tempo para fixar o acúmulo das informações recebidas e desenvolver os trabalhos práticos passados para casa. E a necessidade da continuação do curso, estendendo as matérias, aprofundando seu conhecimento.

Vocês não estariam condicionados a pedir a esta escola o mesmo tipo de comportamento de escolas convencionais, que se responsabilizam pela seqüência do programa, ao invés de mobilizar o interesse próprio do aluno, que orientado numa primeira fase, teria elementos para continuar seus estudos, desenvolvendo suas pesquisas, tendo contato com as oficinas?

— Talvez, porque é difícil aceitar um outro tipo de comportamento, acreditar que possamos nos orientar sôzinhos. De qualquer forma, acho importante analisar profundamente este primeiro período do Núcleo Básico, para de alguma forma participar da reestruturação do curso, para que as próximas turmas possam usufruí-lo de maneira melhor.

Está praticamente decidido que o Núcleo Básico passará a ter dois semestres. No primeiro os alunos terão apenas aulas de técnicas de desenho. Na segunda fase, farão estágios nas oficinas, podendo escolher aulas teóricas de apoio, de acordo com suas necessidades e pre-requisitos feitos pelos professores.

Na cantina, onde dona Raimunda e suas auxiliares fazem deliciosas broas de fubá, bolo de aipim, pãesinhos de queijo, croquete de milho, e o cheiro do café fresquinho perfuma a cozinha limpa, um rapaz comenta:

— Esta escola está o maior barato, porque todo mundo está a fim de trabalhar. Há um clima de companheirismo, de convivência dinâmica, de troca de experiências entre professores e alunos.

No pátio, vejo um grupo de alunos do curso História da Arte discutindo com Rubens Gerchman. Um diálogo difícil, que cedo ou tarde deverá ser solucionado, em comum acordo.